

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: A VIAGEM PERMANENTE – O
CINEMA INQUIETO DA GEÓRGIA
27 de Outubro de 2020

ARATCHVEULEBRIVI GAMOFENA / 1968
“Uma Exposição Invulgar”

um filme de Eldar Chenguelaia

Realização: Eldar Chenguelaia / **Argumento:** Revaz Gabriadze / **Fotografia:** Guiorgui Guersamia / **Direcção Artística:** Dimitri Eristavi / **Música:** Guia Kantcheli / **Montagem:** Neli Saradova / **Som:** Otar Gueguetchkori, Mikheil Nijaradze / **Interpretação:** Guram Lortkipanidze (Aguli Eristavi), Valentina Telitchkina (Glafira Ogurtsova), Vassil Tchkhaidze (Pipinia), Dodo Abachidze (Chavlegui), Chota Gabelaia (Valodia Djintcharadze), Salome Kantcheli (Viúva Ketevan), Djulieta Vachakmadze (Tina), Viktor Deissadze (Bonaventuri), Akaki Dobordjuginidze (Dimitri), Aleksandre Kelbakiani (Festvianidze)

Produção: Kartuli Pilmi (Gruzia Film) / **Cópia:** em 35 mm, preto e branco, com legendas electrónicas em português / **Duração:** 94 minutos

Filho mais velho de Nikoloz Chenguelaia, Eldar Chenguelaia (nascido em 1933) foi com o irmão Giorgi (1937-2020) um dos mais importantes cineastas da geração dos anos 60 em diante. Este “**Uma Exposição Invulgar**” é um dos seus filmes mais conhecidos dessa década de 60, estreado numa altura em que a URSS intensificava a vigilância sobre os países na sua órbita e sobre as repúblicas que compunham a União (1968 é, recorde-se, o ano da Primavera de Praga e subsequente esmagamento). Sobre a crítica implícita ao domínio soviético que o seu filme produz, e ao facto de ter passado incólume pela censura, Chenguelaia referiu mais tarde que as autoridades estavam, provavelmente, “mais ocupadas com a preparação das celebrações do centenário de Lenine”, que se comemoria dois anos mais tarde, em 1970.

História de um escultor que tenta encontrar o seu caminho – na vida e na arte – durante os anos seguintes à II Guerra Mundial (momento histórico em que o filme começa, num tom até algo burlesco), balanceando os seus interesses estéticos com a necessidade de ganhar a vida (as lápides para cemitérios), “**Uma Exposição Invulgar**” põe de modo premente a questão da identidade (a nacional, mas não só) e, a um nível individual, a questão da independência de pensamento. Vimos o filme numa cópia não legendada, o que nos impede de discutir em pormenor muito do que é relevante no filme. Mas as seguintes palavras do ensaísta Konstanty Kuzma, num extenso artigo sobre o filme de Chengelaia publicado no East Europe Film Bulletin (disponível na internet), ajudam-nos mais do que qualquer outra coisa: “*O que marca a dificuldade do reconhecimento das tendências críticas do filme (...) é o facto de ele contar duas histórias ao mesmo tempo. Uma é a do artista a aprender a servir o colectivo, a outra a do colectivo a subjugar os indivíduos. Uma fala dos méritos da arte social-realista, a outra ilustra o modo a identidade cultural de uma nação é devorada por dogmas ideológicos. Similarmente, a história de amor georgiano-russa [Kuzma refere-se ao romance entre o escultor e*

*Glafira, ex-soldado soviética] pode ser ao mesmo tempo lida como a busca de uma linguagem comum e como um encontro que desvela insuperáveis divisões. A primeira história é fácil de reconhecer e podia ter sido ambientada em qualquer lugar, e a segunda história aquela cujo reconhecimento requer um exame minucioso do contexto político e cultural em que o filme foi feito. O que “**Uma Exposição Invulgar**” faz não é só enfatizar esses aspectos problemáticos do sistema soviético negligenciados ou escondidos pela propaganda. Ao construir uma história que pode ser lida de ambas as maneiras – como sendo pró-soviética ou anti-soviética – Chenguelaia mostra que a separação entre estas duas interpretações é em grande medida normativamente motivada. São os espectadores que decidem como interpretar a história, não Chenguelaia por si mesmo.”*

Luís Miguel Oliveira